CC066153

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VIVER, SENTIR, RESPIRAR ARTE.

CLÁUDIA MARA AMARAL PEDROSO

CAMPINAS, 2005.

UNICAMP

1290002731
FE
TCC/UNICAMP P374v

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VIVER, SENTIR, RESPIRAR ARTE.

Cláudia Mara Amaral Pedroso

Orientador: Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

© by Claudia Mara Amaral Pedroso, 2005.

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

Pedroso, Claudia Mara Amaral.
P374v Viver, sentir, respirar arte / Claudia Mara Amaral Pedroso. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Adilson Nascimento de Jesus.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Criação. 2. Artes plásticas. 3. Desenho infantil. I. Jesus, Adilson Nascimento. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-288-BFE

UNIDADE F.E.
Nº CHAMADA
V.
TOMBO
PROC.
C.
PREÇO
DATA 24/03/06
Nº CPD

Produto final do trabalho de conclusão de curso, elaborado por Cláudia Mara Amaral Pedroso, sob orientação do Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus, pelas disciplinas EP 808 e EP 809, requisitos obrigatórios para a conclusão do curso de pedagogia.

Primeiro leitor

Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Segundo leitor

Prof^{a}. Dr^{a}. Ana Elvira Wuo

"A arte nunca reflete a vida. A arte é a própria vida".

Vaccarini, Bassano

Agradeço a todos aqueles que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste trabalho.

À minha família: Pai, mãe, Bruno Henrique, Alex, Sandra e Ana Júlia, pelo incentivo e apoio em todos os momentos.

Ao Adilsom, mestre, orientador, pelos seus ensinamentos.

ÀS crianças do Educandário pela vivência e participação nas oficinas do projeto.

Ao Educandário Francisco Cândido Xavier pelo espaço aberto para a realização do trabalho.

RESUMO

O Presente trabalho surgiu da necessidade de entender como se dá o processo de criação.

O processo de criação faz parte da natureza humana, em todos os setores de sua vida.

Através da arte, a criança re-elabora a realidade, trabalha seus conflitos, expressa seus sentimentos, traz imagens e sensações do consciente e do inconsciente e através desta forma inata de expressão humana exprime o que a palavra não consegue, por tornar-se insuficiente.

A criança cria para falar de seu modo de ver o mundo, de se relacionar com ele, para falar de si mesma, de seus sonhos e anseios. No momento da criação está presente por inteiro naquilo que faz e o mais importante é o processo em si, e não o resultado final.

Em algum momento de sua vida o humano pára de criar, transforma sua certeza do saber na certeza do não saber. Essa ruptura do humano com a arte, portanto com sua natureza o impede de se auto-conhecer, de vivenciar diversas possibilidades de se relacionar com

diversas técnicas e materiais, assim como de experimentar e de expressar sensações, emoções, proporcionados pelo momento mágico da criação.

Palavras chave:

Processos de criação, Artes plásticas, Desenho infantil, Arte.

Índice

CRIAR OU NÃO CRIAR, EIS A QUESTÃO.	10
BRINCAR TAMBÉM É ARTE.	17
O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO.	27
EU NÃO SEI FAZER!	32
O IMPORTANTE É O MOMENTO.	41
REDESCOBRIR, VIVER E CRIAR.	47
MOMENTOS MÁGICOS DA CRIAÇÃO: ALGUMAS IMAGENS.	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	79
BIBLIOGRAFIA	80

CRIAR OU NÃO CRIAR, EIS A QUESTÃO.

O tema de minha pesquisa surgiu da necessidade que tive de entender o processo de criação em artes.

Tal necessidade foi decorrente de diversas situações de minha vida pessoal e profissional.

Desde a infância sempre gostei muito de pintar, dançar, cantar. Adorava os teatrinhos que fazia na escola.

Contudo, no decorrer dos anos, parei de pintar, dançar, representar por conta de frases como: Você não leva jeito pra isso! Não é assim que faz! Não é dessa cor que você deve pintar! Isso não é desenho!

Tais expressões e coisas do gênero sempre estiveram presentes em minha vida escolar, e de tantas outras crianças, que até hoje escutam por parte de profissionais da educação, pais e adultos em geral, tais afirmações.

Em contrapartida a tais afirmações, a reação das crianças passa a ser de não pintar, de não cantar, não dançar e acreditar não serem capazes de realizar tais atividades a ponto de tolher

completamente seu ato criativo, ficando dependente, preso a modelos padronizados, considerados corretos e belos esteticamente pela sociedade.

A exemplo do tolhimento do ato criativo, da livre expressão, vou contar um episódio ocorrido em um estágio que realizei no ano de 2004, em uma escola estadual de ensino fundamental, da cidade de Campinas, que atende a crianças de média e baixa renda.

A proposta de trabalho que realizei nesta ocasião era desenvolver um trabalho sobre reciclagem e o fechamento do tema ocorreu com oficinas de reciclagem de papel e confecção de brinquedos de sucata.

Para uma das turmas de quarta série a proposta era a confecção de um boliche com garrafas descartáveis. E decoração do brinquedo seria feita com colagem de figuras de revista ou com durex colorido, de acordo com o gosto da criança.

O que mais me chamou a atenção nesta turma foi uma menina que no início só ficou observando os colegas, depois ela começou a fazer seu brinquedo. Desmanchou e refez, desmanchou de novo e no final da atividade, saiu com as garrafas sem decorar, do mesmo jeito que as trouxe. Ao sair da sala ela me olhou e disse: Eu não consegui! A partir deste momento, para mim, a necessidade de entender o processo de criação se intensificou. Muitas perguntas surgiram: Por quê as crianças

param de se expressar plasticamente? Por quê a certeza do não saber fazer? Qual a importância da arte? Por quê só consideramos como arte a obra de grandes mestres?

A arte é um meio de expressão comum à cultura de todos os tempos.

A arte é uma linguagem natural e cultural, e ao estudarmos o lugar que ocupa e sempre ocupou nas atividades humanas, mais nos convencemos de sua importância.

Ela sempre esteve ligada ao espírito humano fazendo-nos conhecer e nos aprofundar na vida da humanidade, seus costumes, crenças, transformações moral política e econômica. Está em constante mutação de acordo com a história, a época e a sociedade e as vivências de cada artista.

É, portanto, a arte, o produto da vida, que brota da necessidade humana de procurar maneiras de exprimir e comunicar seus pensamentos e emoções, criar símbolos para suas idéias e crenças, dar forma e substância a todo um universo de imaginação através das mais variadas formas de expressão.

A arte é importante por se tratar de um meio primordial de comunicação, convertendo-se em expressão pessoal e também social. Através da expressão pela arte é possível a compreensão de um mundo mais amplo no qual a criança está inserida.

UNICAMP - BIBLIOTECA

Penso que através da arte expressamos nosso sentimento em relação ao mundo, muitas vezes bloqueados por rótulos e preconceitos, mas que podem despertar quando se desenvolve a capacidade de inventar e renovar. Criar espontaneamente é descobrir o novo a cada instante. Também é importante propiciar a criação artística espontânea e não somente prender-se a cópias de modelos prontos, estereotipados.

Segundo Rosa (2003), os trabalhos de expressão plástica das crianças são resultado de sua elaboração mental que é construída a partir da leitura que ela faz do mundo e de si mesma e não simples marcas sobre um suporte qualquer.

Esta realidade é construída a partir da seleção de suas experiências com o meio e consigo própria, as quais reestrutura de forma original.

Desta forma é de extrema importância que se crie oportunidades para o contato e a percepção da criança com a arte, para que ele construa uma leitura de mundo consistente. O saber artístico contribui significativamente para as elaborações perceptivas e reflexivas na criança.

A criança, ao realizar os trabalhos experimenta e organiza o mundo interior e exterior, pois a arte leva a criança a liberar suas energias, tensões, sentimentos e emoções. Neste processo

desenvolve sua percepção, sua sensibilidade, sua capacidade de pensar e socializar-se. Torna-se assim um ser participante, crítico e ativo.

Para desenvolver a sensibilidade para a arte não é só necessário pintar um quadro, compor uma música, encenar uma peça teatral. Essa sensibilização pode ser trabalhada através da observação da natureza, dos outros animais, de si mesma e dos outros seres humanos.

Penso que proporcionar oportunidades para este processo de criação através da manifestação plástica, e mostrar que todos os trabalhos possuem o mesmo valor, não comparando a produção de cada indivíduo com de outros, sejam eles indivíduos comuns ou grandes mestres, e que o valor da arte não pode ser atrelado a um valor comercial, respeitando e valorizando as atividades das crianças é o ponto de partida para a análise do processo de criação artística.

Com relação ao episódio anteriormente relatado, incomodou-me muito o olhar de decepção da criança frente o resultado do trabalho de seus colegas.

Ficou muito claro para mim, a dificuldade desta criança de expressar-se plasticamente.

Acredito que través da oportunidade à criação, através do acesso a materiais diversos, dando condições e orientando as atividades, colocando técnicas diversas ao alcance da criança,

oportunizando a experimentação de diversas atividades e permitindo a troca de experiências entre os indivíduos, estaremos possibilitando e incentivando a criação artística.

Desta forma é de extrema importância que se crie oportunidades para o contato e a percepção da criança com a arte, para que ela construa uma leitura de mundo consistente. O saber artístico contribui significativamente para as elaborações perceptivas e reflexivas na criança.

Em países como o nosso, fazer arte é visto como um luxo ou desvio do bom senso, pois respirar, comer e ter um lugar para morar afetam de tal forma o indivíduo, que ele se esquece de "viver". Esta "vida" resume-se a buscar meios de sobrevivência, esquecendo-se que viver é muito mais que isto. O sistema impõe imagens de um mundo ilusório, idealizado pelos interesses ditados pelo capitalismo selvagem. Na submissão a este modelo, o indivíduo não tem direito de falar, opinar sobre o que pensa, de se expressar, de criar.

Creio que viver plenamente é observar o mundo que nos cerca, poder expressar-se livremente, da forma que mais lhe dá prazer, é valorizar suas criações, sem preocupar-se com padrões impostos.

O contato com a arte contrapõe-se a este modo de sobrevivência, promovendo o verdadeiro viver, isso por despertar, e estimular a criança a fazer e criar seu mundo com sonho fantasia, gosto e prazer.

Desta forma não existe certo ou errado, feio ou bonito. A arte ultrapassa estas barreiras e põe-se a serviço da livre expressão.

Através de um trabalho planejado e organizado segundo as necessidades naturais, culturais, sociais e econômicas da criança, permitindo que estas passem por muitas experiências úteis, a arte fará parte de suas vidas e terá um sentido, deixando de ser aquela coisa incompreensível e elitista, distante de sua realidade.

Tendo tudo isso em vista, iniciei meu trabalho de campo no Educandário Francisco Cândido Xavier.

A instituição é uma entidade filantrópica que atende crianças oriundas de famílias de baixa renda, no sistema de creche para as crianças de 0 a 6 anos e também recebe crianças de 7 a 12 anos no período extra-escolar, oferecendo oficinas diversas, realizadas por voluntários.

As oficinas de arte foram realizadas com as crianças de 7 a 12 anos.

BRINCAR TAMBÉM É ARTE.

A arte é a forma de expressão natural, universal, capacidade inata do ser humano.

Desta forma a arte passa a ser fundamental na formação e na vida do indivíduo.

A idéia de arte como parte integrante da formação do humano vem sendo estudada e ressaltada por muitos teóricos.

Para Platão, a arte é um dos meios de atingir a integridade moral e intelectual da humanidade.

Aristóteles dizia ser a arte fruto da capacidade inata do homem de imitar e do prazer em apreciar as imitações.

Rousseau chamava a arte de "educação nas coisas". A arte consistia em experimentar, realizar, fazer atividades e o meio eram as coisas e as atividades sobre elas aplicadas. O que interessava a ele era o meio e não o resultado final. Desta forma a arte se torna um meio importante na formação do homem.

Tomando como ponto de partida arte segundo a concepção de Rousseau, podemos tomar como exemplo um fato ocorrido no Educandário.

Uma das atividades propostas foi a confecção de máscaras utilizando a técnica de papietagem com jornal e bexigas.

Quando expliquei a técnica para as crianças a primeira coisa que eles perguntaram foi se depois de fazer a colagem seria possível tirar a bexiga sem estragá-la.

Quando eu disse que não, que teríamos que estourá-la para tirar, eles disseram que não queriam mais fazer a máscara. Preferiam ficar com a bexiga.

Combinamos então que no final da atividade do dia eu daria uma bexiga para cada um deles.

Ao final do trabalho planejado para o dia, distribuí as bexigas conforme combinado e fomos todos para o parque.

Cada um encontrou uma forma para brincar.

O que mais me chamou atenção neste momento foi uma das meninas que sentou-se perto da gangorra e colocando a bexiga em uma das extremidades do ferrinho que serve para segurar-se em cima do brinquedo, começou a assoprar através da outra extremidade, enchendo assim sua bexiga.

Este foi um dos desdobramentos da atividade de confecção de máscaras. Foi a continuidade do processo de criação artística.

Contudo quando falamos em arte esbarramos no conceito de arte implantado durante séculos.

Segundo Pedrosa (1996), em geral as artes plásticas desde a renascença, são vistas como a representação da natureza, da realidade externa, produto das altas culturas intelectuais, é uma atividade elitizada "e o artista um ser misterioso envolto em um halo místico ou mágico". (p.42)

Com a expansão do mundo para além do mediterrâneo e com a arqueologia e o surgimento das outras ciências, novas civilizações e suas culturas foram desvendadas e o europeu reconheceu que os povos primitivos também faziam arte.

Temos a partir de então uma nova concepção de arte.

Passou-se então a considerar e valorizar a arte dos povos primitivos.

Pedrosa (1996), diz que como em tudo no mundo, a arte também é julgada por sua qualidade. Entretanto, a qualidade não pode ser medida. Temos então que os produtos artísticos dos povos primitivos são "formalmente tão legítimos e bons quanto os das civilizações super requintadas da Grécia ou da França". (p.45)

Tais descobertas e mudanças exerceram grandes influências nos artistas contemporâneos.

Por sua vez a psicologia também busca ampliar seus horizontes e o Inconsciente é descoberto e o processo da atividade antes da obra realizada passa a ser estudado.

Todos os atos, inclusive aqueles que aparentemente não possuem significado, desenhos, mesmo aqueles disformes, não intencionais, garatujas, são objeto de estudo.

Desta forma, a atividade artística passa a ser reconhecida como característica inata do homem e ligada à emoção e não mais ocupação exclusiva de pessoas especializadas e diplomadas.

Read (1977), enfatiza a importância da arte para o crescimento do ser humano de forma integral, como um todo, capaz de encontrar sua verdadeira natureza. A arte deve estar presente no homem.

A expressão pela arte é então, uma forma de linguagem através da qual emprestamos uma forma simbólica aos sentimentos, sensações e imagens do consciente e do inconsciente.

Está aqui a explicação para muitos desenhos, modelagens, etc, que as crianças fazem e não sabem dizer o que é. Isso ocorreu nas atividades de desenho e também de modelagem nas quais as crianças denominavam seus desenhos como rabisco. Contudo, observando-os estavam carregados de sentimento e emoções que eram expressos sem que a criança tivesse consciência deste fato.

Segundo Jung, a arte está ligada ao sentido universal do homem. Sua teoria está centrada no inconsciente coletivo, que se caracteriza por um patrimônio hereditário de idéias ou possibilidades de idéias, além do inconsciente particular e do consciente.

O inconsciente particular é formado pelas recordações infantis mais remotas.

O inconsciente coletivo contém recordações do período pré-infantil, dos antepassados, que são recordações incompletas, por não terem sido vivenciadas pelo indivíduo. Nesta psique coletiva abrigam-se todas as virtudes específicas e vícios da humanidade, entre outras coisas, em forma de arquétipos, ou seja, como uma certa aptidão para reproduzir estas imagens, na tendência de repetição destas mesmas experiências.

Estes arquétipos ficam guardados no inconsciente coletivo até que algo os desperte e os faça agir, juntamente com o inconsciente particular, surgindo assim os sonhos e fantasias anteriormente ignoradas.

Aí está o ponto de partida para se buscar o entendimento da arte em Jung.

Desta forma, para Jung, o processo criativo não se deve somente a elementos psíquicos de ordem pessoal. Tal processo está ligado principalmente à imagens que surgem do inconsciente, sem qualquer manifestação intencional do artista.

A arte representa então um processo de auto-regulação na vida das épocas e das nações, visto que no artista a atitude consciente é corrigida pela ação do inconsciente.

Toda realização humana no sentido de criar algo novo, tendo como reflexo, objetos do mundo exterior ou construções interiores ligadas á emoção, ao sentimento, chamamos de atividade criadora ou criatividade.

Tal capacidade de reproduzir imagens de sua memória, criar algo novo ou combinar estes elementos ocorre somente no ser humano.

Em uma das atividades das oficinas de artes, realizada no Educandário Francisco Cândido Xavier, um dos meninos dizia desenhar um carro e o ônibus do bairro e comentou com seu amigo o que estava fazendo. Enquanto desenhavam conversavam sobre seus desenhos. O outro por sua vez também resolveu fazer seu carro, só que era um carro de corrida, um carro que corre muito e solta fogo atrás e que ia passear nas ruas da cidade. O outro prontamente retrucou que carros de corrida só podem andar na pista de corrida. Que ia pegar fogo nos outros carros e que nem dava pra correr na cidade. Então o dono do carro de corrida respondeu apontando para seu desenho: "- Mas aqui na cidade todo mundo só anda de carro de corrida!"

Na interação do mundo infantil com o mundo artístico do fantástico ao real construído, ocorre o surgimento de um novo mundo fantástico de idéias e seres, criado pela aproximação desses elementos, rearticulando-os em diferentes soluções.

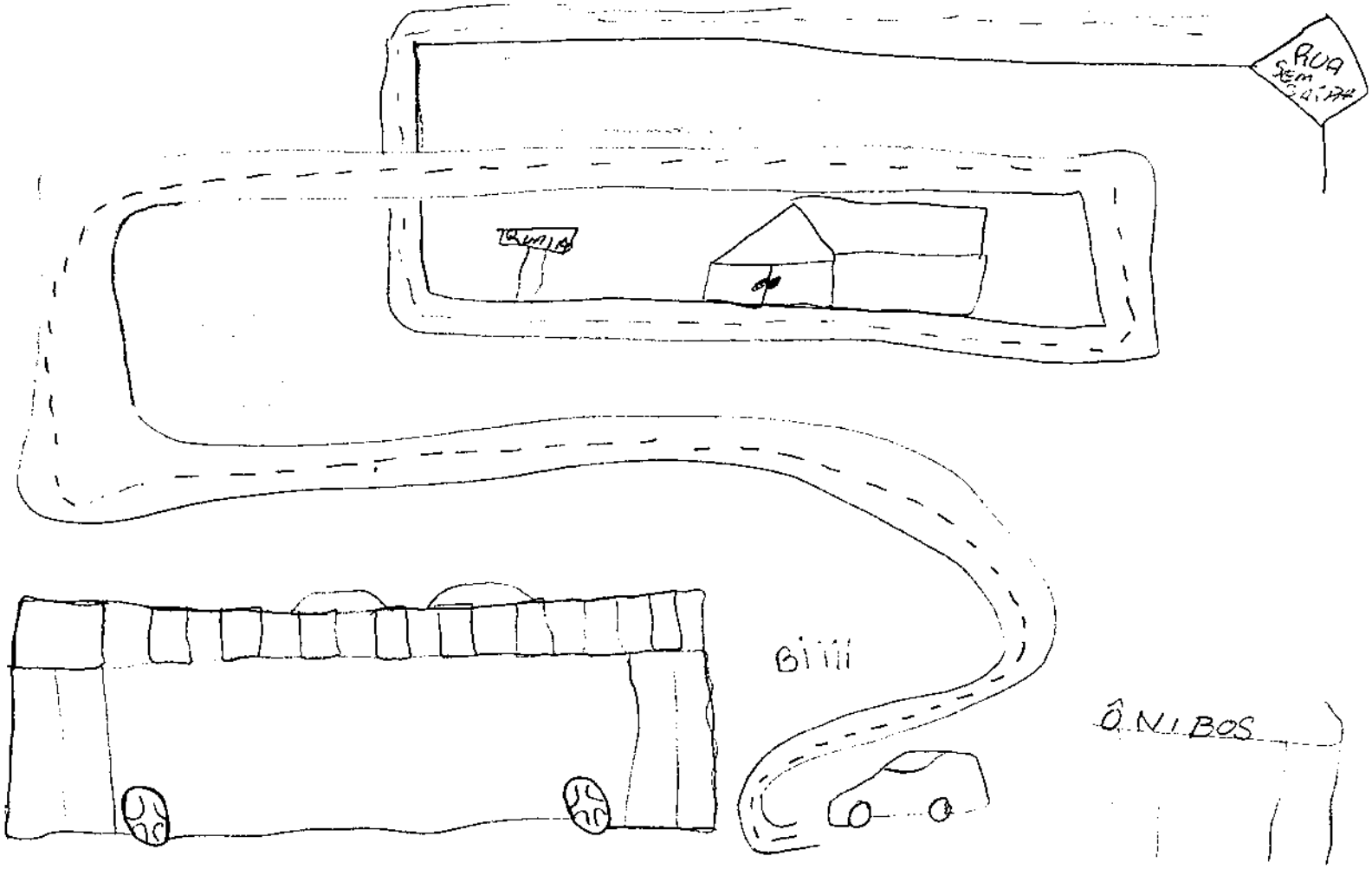
Para que isso ocorra, é importante que a criança tenha oportunidade de vivenciar a arte.

Segundo Vigotsky, quanto mais houver a oportunidade de ver, ouvir, experimentar, maior será o aprendizado e a assimilação, e quanto mais elementos da realidade dispuser em sua experiência, mais considerável e produtiva será a sua atividade de criação. (apud. Ferraz e Fusari, 1993, p.62).

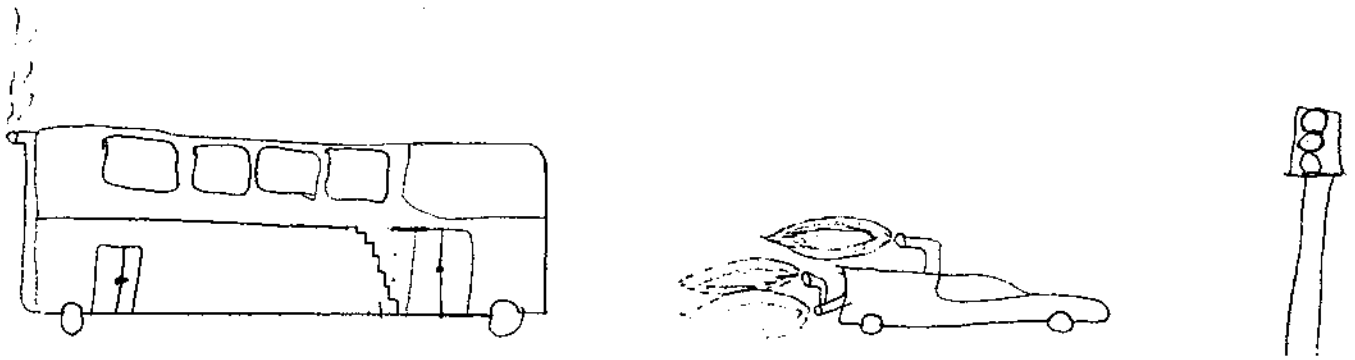
Quando tratamos da criação, nos deparamos com diferentes formas de combinação de elementos da realidade, da fantasia e de nosso inconsciente.

Vygotsky (1990), ao falar da imaginação, chama atenção para a sua infinita possibilidade de criação com novos graus de combinações. (p. 17)

Esta gama de possibilidades ganha autonomia e diversos graus de complexidade de acordo com a variedade de experiências que possibilitem o desenvolvimento do processo criativo.



28/07/2005
Carro e ônibus do bairro.



28/07/2005
"Mas aqui na cidade todo mundo só anda de carro de corrida".

O que faz com que a espécie humana possa projetar-se no futuro, transformar a realidade e modificar o presente é a atividade criadora, que tem como base a capacidade de combinação do antigo com o novo.

Portanto quanto mais rica for a experiência humana, maior será o material colocado à disposição da atividade criadora.

Contudo é importante observar que o importante nas artes é o processo de criação e não o produto final como temos observado ao longo da história.

Quando pensamos no processo de criação, de arte infantil, podemos tomar como ponto de referência o desenho, pois este, como forma de linguagem que é, nos mostra aspectos emocionais, culturais, sociais e psíquicos do indivíduo, ou seja, o desenho "fala".

O DESENHO COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Desde os primórdios de sua evolução, o humano tem por natureza a necessidade de comunicar-se.

Esta necessidade surge da vontade de expressar seu interior e fazer-se entender por seus semelhantes e organizar-se socialmente.

Para isso, o humano sempre procurou formas de expressão nos diversos campos de ação, o verbal, o plástico, o musical e o corporal.

A comunicação é, portanto, inerente ao humano.

Desde o nascimento, comunicamos nossos sentimentos, nossas necessidades, sensações. No início, através do choro, depois através de gestos. Posteriormente adquirimos outros códigos de comunicação, que são determinados pela cultura em que vivemos.

Entretanto, todos temos a capacidade inata de desenhar. Existe, portanto uma forma de expressão universal: o desenho.

Para a criança o desenho acontece de forma natural, é uma atividade espontânea, assim como brinca, joga, faz associações.

Segundo Sans (2001), "O desenhar para a criança é tão natural como qualquer outra atividade. Assim como brinca, associa, simboliza, ela desenha de forma espontânea e o que importa para ela é o momento da ação. (p.20)

Desta maneira, para a criança, o desenho passa a ser uma brincadeira, uma forma de jogo, onde a criança organiza seu espaço, seus sentimentos, suas emoções, conta sua história, o desenho é a sua fala, sua forma de expressão.

Sobre o desenho infantil, Moreira (1984), diz que ao desenhar a criança "cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruídos, seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar". (p.15)

Toda criança desenha, seja através de instrumentos que deixem marca, sendo através da disposição de objetos em suas brincadeiras.

Entendo, portanto, como desenho, não só um traçado em uma superfície qualquer mas também a maneira como a criança organiza seu espaço e dispõe os materiais em seus jogos.

Através destas formas de disposição de seus brinquedos no espaço, podemos notar as diferenças individuais.

Para a criança o desenho é uma linguagem como o gesto ou a fala.

O desenho é sua primeira escrita, e serve para registrar sua fala. É sua forma de exteriorizar seu consciente e seu inconsciente. Porém quando observa-se o desenho, e permite-se senti-lo, é possível conhecer-se melhor, trabalhar sentimentos, emoções, desta forma invertendo tal movimento, tornando do exterior para o interior. Tal movimento devidamente trabalhado, valorizado pelo indivíduo que o experimenta, leva-o à frente, dando mais espaço para a expressão, mesmo que não tenha consciência deste processo.

Moreira (1984), diz que desenhar é lançar-se para frente e "neste lançar-se para frente que é o desenhar, existe a possibilidade de ver-se e rever-se. Existe neste projetar-se um movimento de dentro para fora e de fora para dentro. A criança mesmo sem ter uma compreensão intelectual do processo, está modificando e sendo modificada pelo desenhar". (p.20)

Desenho e sentimento estão intimamente ligados no ato de desenhar, de criar.

O momento do desenho e de todos os outros modos de expressão que envolvem a criação são permeados por conflitos, dores, prazeres, trazidos à tona através das mais variadas formas. Esta expressão de sentimentos demonstra as relações que o indivíduo faz com o mundo exterior e também com seu mundo interior.

Neste sentido, a arte contribui para a formação da criança, pois possibilita a satisfação de suas necessidades, visto que engloba seu pensamento, sentimentos e sua relação com a realidade.

Este pensamento remete à outra situação vivida com as crianças do Educandário.

Em uma das ocasiões que trabalhamos modelagem com massa caseira, as crianças produziram esculturas de diversas formas e em alguns casos não sabiam dizer o que representavam. Em contrapartida outros modelavam objetos do cotidiano como ferro de passar roupa, bola, o ônibus do bairro.

Contudo a fala de duas meninas me chamou atenção. Elas confeccionaram brincos, anéis, colares e pulseiras com a massa de modelar.

Depois de adornadas com seus acessórios, vieram me mostrar o que haviam modelado e uma delas me disse: "- Olha o que a gente fez!" e a outra completou: " - A gente não tem. Nossa mãe é pão dura, não compra pra nóis."

Segundo Moreira (1984), o ato da criação envolve "a dor e o prazer", é um momento no qual os conflitos estão presentes e a criação "é o ato de juntar, de conviver com os conflitos e expressá-los". (p. 38)

Através das diversas formas de expressão pela arte, damos um formato, uma forma visível aos nossos sentimentos, às imagens do consciente e do inconsciente.

Segundo Pedrosa (1996), o fenômeno artístico, também visto como atividade lúdica, de jogo, trata em essência de emprestar "forma aos sentimentos e imagens do eu profundo". (p.54).

Nesta mesma atividade de modelagem, perguntei a várias crianças o que eles haviam feito, todos eles queriam falar de seu trabalho. Para algumas das muitas modelagens que fizeram, as crianças faziam formas e não sabiam dizer o que era. Não sabiam dar nome. Perguntei a um menino o que ele havia feito e ele não soube dizer o que era. Então perguntei o que ele estava sentindo, porque ele tinha feito sua modelagem daquela forma - era um amontoado de pedacinhos disformes de massa, picados bem pequenos - e ele respondeu: "- Porque tô com muita alegria".

Temos então que não devemos esquecer que a arte em geral, e conseqüentemente, o desenho infantil, é produção de um ser humano com percepções, reações, emoções e fantasias. É uma forma pela qual a criança expressa seu mundo, assim como o adulto quando se permite viver esta experiência, também o faz.

EU NÃO SEI FAZER!

Em vários momentos do trabalho de campo realizado no Educandário, assim como no estágio anteriormente citado, deparei-me com situações em que as crianças diziam: "Eu não sei desenhar" ou "desenha pra mim".

O episódio mais marcante foi em uma atividade de desenho livre com giz de cera.

Nesta atividade uma das crianças, após tentar várias vezes desenhar uma nuvem, sendo que cada vez que achava que estava feia ou errada, pedia-me outra folha e amassava ou rasgava com violência o desenho por ela classificado como feio. A cada tentativa repetia: Não sei fazer!

Disponibilizei todas as folhas que a criança achou que precisava para tentar de novo, e após várias tentativas desistiu de desenhar. Foi então que uma outra criança do grupo a ajudou, desenhando a nuvem.

Após a ajuda recebida, voltou a desenhar, terminando assim a paisagem que queria fazer.

Se desde a mais tenra infância desenhamos, por quê quando crescemos paramos de desenhar, assim como paramos de modelar, de criar histórias, de brincar?

UNICAMP - BIBLIOTECA

Depressa, a certeza do desenho e da expressão plástica como forma de manifestação de sentimentos, emoções, linguagem, desaparecem e a certeza do não saber se instaura na criança.

Segundo Moreira (1984), toda criança desenha e ao crescer, a maioria destas crianças diz: "Eu não sei desenhar" e o ponto de partida para essa discussão é a "dicotomia vivida em nossa sociedade entre a arte e a vida, entre trabalho e lazer, entre natureza e cultura". (p.51 - 52)

Para essa análise precisamos voltar às sociedades tradicionais e ao surgimento do sentimento de infância e posteriormente ao modo de vida da sociedade industrializada.

O historiador francês Philippe Ariès, definiu como sentimento de infância, aquilo que distingue a criança do adulto.

Ariès trata de duas teses sobre a visão de criança nas sociedades feudais e posteriormente nas sociedades industriais.

Na idade média central (entre séc X e XIII) não havia um sentimento específico pela infância, uma consciência de particularidade da criança, portanto não havia distinção desta com relação ao jovem e ao adulto. A criança era diferente do adulto somente no tamanho e na força.

Nas sociedades feudais, as crianças viviam misturadas aos adultos, participando dos jogos e trabalhos dos mesmos. Assim se dava o aprendizado, a transmissão de valores e o conhecimento da vasta prole.

As atividades nesta sociedade envolviam toda a comunidade.

Nas festas, que em geral tinham cunho religioso, nos jogos, músicas danças e demais manifestações, adultos e crianças participavam lado a lado nas mesmas atividades. Cada um tinha a oportunidade de encontrar sua forma de participar.

O único interesse que havia pela criança neste momento refere-se aos primeiros anos de vida.

A "paparicação" foi um sentimento que surgiu no século XVI, quando a criança em seus primeiros anos de vida é vista como distração para os adultos.

Após o período de "paparicação" a criança era separada dos pais e vivia em outras casas. Esse modelo de família tinha por objetivo a conservação do patrimônio e a educação das crianças pela forte sociabilidade.

A escola era destinada ao clero e não havia classes de idades.

Com o surgimento da sociedade industrial, a partir do final do século XVI, este sentimento de infância passa a ser criticado por alguns grupos que acreditavam ser necessária a separação

das crianças dos grupos de adultos para que não fossem mimadas e mal educadas. Esse sentimento de infância surge no meio familiar.

Neste momento a criança não é vista mais como divertida e agradável e o apego à criança não se dá mais pela diversão e prazer que proporcionava, mas pelo interesse psicológico e moral pela criança. É o surgimento de um novo sentimento de infância.

Neste contexto era preciso conhecer melhor a criança para educá-la e havia a preocupação de entender a mentalidade da criança para adaptar a seu nível o método de educação.

Este sentimento de infância nasceu no meio eclesiástico ou dos homens da lei e passou para o meio familiar.

Nas sociedades industriais a criança passa a ser educada em escolas organizadas em classes e a vivência se caracteriza pela segregação por grupos etários.

A família passa a ser fechada em si e a afeição passa a ser necessária e importante pelo fato de estar neste momento centrada na criança.

A infância neste momento de nossa sociedade é vista como tempo de inocência e pureza, como se tivessem começado descobrir a alma da criança sob pressão e influência da igreja, ao contrário do período feudal que a caracterizava pela ambigüidade anjo e demônio.

No final do século XVII havia a preocupação de conciliar a doçura e a razão e posteriormente a preocupação com a higiene e saúde da criança.

O surgimento da atual concepção de infância está ligado ao surgimento da burguesia que concebia a criança como um ser precioso que deveria ser cuidado, preservando-se sua inocência e fortalecido seu caráter, preparando-a para seu futuro no mundo adulto.

A escola surge para moldar a criança de acordo com os valores sociais vigentes.

Nas sociedades primitivas, o meio ambiente e o homem estão ajustados um ao outro.

Segundo Porcher (1982), "Os objetos são produtos imediatos do trabalho humano, as ferramentas prolongam os membros do corpo, os modos de habitação integram-se em espaços naturais, os comportamentos culturais modulam-se de acordo com um código ancestral de gestos."(apud Moreira, 1984. p 52).

Desta forma o homem vive em um mundo tradicionalista, estável, onde a produção artesanal de objetos está voltada às suas necessidades e a forma voltada à função do objeto.

As festas marcavam as etapas do trabalho e definiam assim o calendário.

Com o surgimento da indústria e a produção voltada ao lucro, surge a oposição trabalho e lazer. O indivíduo, mesmo na área do lazer, passa a consumir a produção alheia, perdendo a sua ligação com o produto de seu trabalho.

Segundo Moreira (1984), "O trabalhador não tem ligação direta com o produto de seu trabalho e para se divertir consome a produção de uma indústria especialmente montada para esse fim". (p.53)

Com a produção em massa, a busca incessante da renda, a arte passa a ser assunto de profissionais e vai para os museus. Existe agora um espaço reservado para o artista. O privilégio da criação transforma-se em forma de exclusão.

A arte é separada da vida. Deixa de ser uma manifestação da mesma.

O homem comum não cria mais suas próprias manifestações. Limita-se a consumir a produção alheia. Produção massificada, padronizada. O homem perde sua expressão.

Moreira (1984), diz que neste contexto o "homem comum fica sem a possibilidade de criar seu próprio projeto, de lançar-se para frente. Perde seu desenho, fica sem contorno. É massa que consome produção massificada". (p.54)

Temos então que neste modelo de sociedade não há tempo nem espaço para a expressão artística, para o jogo, para a brincadeira. Estes são destinados exclusivamente à criança e esta por sua vez tem um lugar específico: a escola.

Entretanto, com o decorrer da escolarização, este espaço destinado à expressão artística, ao jogo, à brincadeira, também vai sendo cada vez mais limitado.

A criança pára de desenhar, de brincar. Não há mais tempo para isso. Os conteúdos considerados importantes para a vida do adulto trabalhador, como escrever e fazer contas, consomem todo o tempo da criança.

Nesta sociedade a escola vem como forma de ajustar a criança à sociedade, aos ideais de seu tempo.

Quantas vezes ouvimos em nosso período de escolarização professores dizendo: "- Menino, árvore não é azul! Pinte de verde a copa, de marrom o tronco!" ou "- Não pinte o mar de amarelo! Você já viu mar amarelo?" ou " - Que desenho horrível! Fulaninho, ensine a ele como faz!".

Diante disso, aderimos a modelos padronizados, paramos de desenhar, de pintar mares amarelos, sóis verdes, estrelas multicor.

Podemos então concluir que a certeza do não saber desenhar, de não expressar, do não brincar é produto de nossa sociedade, de nossos valores, de nosso tempo.

Paramos de criar, abandonamos nosso traçado, nossa fala, para seguir modelos padronizados, impostos estereotipados, que não são mais a nossa fala, individual, única, "desenhos que não são expressão de quem desenha e portanto, não são nada" (Moreira, 1984. p.87).

Estes, não são nem mesmo considerados como arte, pois a arte é carregada de emoção, de significados, é linguagem viva.

Moreira, 1984. p.50

O IMPORTANTE É O MOMENTO

Como já vimos antes, a simples observação nos leva a reconhecer que o grafismo é uma manifestação natural na criança.

Quando esta atividade é reconhecida, estimulada, respeitada e encontra meios para desenvolver-se, paralelamente à linha, surgem outros elementos plásticos como o volume e a cor que assim como a primeira, dão vazão às emoções através da criação.

Todas estas formas apresentam a mesma finalidade de expressão e comunicação do grafismo puro, ou seja, o grafismo não padronizado, que vem do interior de cada um, dando forma original e individual à emoção, ao sentimento, ao mundo interior de cada ser.

Tais expressões, que se originam da linha, cor e volume, que conhecemos por desenho, pintura e modelagem, assim como as outras atividades artístico-plásticas, são conhecidas como arte infantil.

Entretanto é preciso ter em mente que tal designação pode causar alguns equívocos como a finalidade das artes plásticas entre as crianças e a atribuição de valor de obra de arte à produções infantis.

Para a criança, o que importa é o processo em si, a brincadeira, o jogo. Ela não tem intenção nem consciência de construir uma obra de arte. O que vale é a vivência que conduz à criação.

Em várias situações do trabalho realizado no Educandário pude observar estes aspectos da arte e de seu criador.

Em uma das atividades de desenho, uma das meninas começou a desenhar, fez uma flor e de repente levantou-se e saiu correndo da mesa. Foi ao jardim e voltou correndo com uma folha de uma planta na mão. Usou-a para fazer um decalque e antes de terminar o desenho que estava fazendo, colocou-o de lado, pegou outra folha de papel e começou a riscar com movimentos fortes e circulares, com diversas cores de giz.

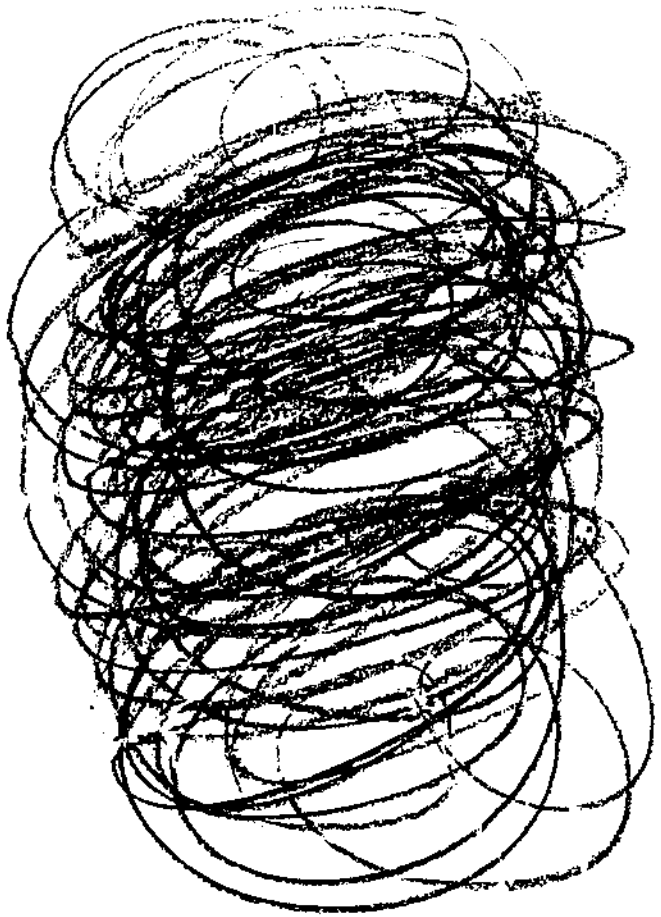
Quando me aproximei ela parou e tentou esconder com os braços, o seu trabalho.

Perguntei o que ela estava desenhando ela me respondeu de cabeça baixa, sem me olhar, que era rabisco. Respondi a ela que também era uma forma de desenho e que estava ficando muito legal pela combinação de cores.

Só então ela tirou os braços de cima do papel e voltou a desenhar.

Neste mesmo instante ela olhou para mim e disse: "- Estou fazendo comida!"

09/06/2005



09/06/2005
"É rabisco..."
"Estou fazendo comida..."

Em seguida abandonou o desenho e pegou outro papel e fez uma dobradura. Aí foi um alvoroço. Todos queriam o tal brinquedo de dobradura que fazia um barulho de estalo ao movimentá-lo com força.

O desdobramento da criação iniciada no desenho, passando por outras formas de criação artística exemplifica a especificidade da arte infantil.

A arte infantil tem características próprias, originais, decorrentes da sua forma de pensamento, de sua visão de mundo, de seu modo de ser.

Desta forma, não pode ser esta produção vista como uma obra imperfeita de adulto.

Em sua produção a criança expressa e apresenta detalhes e elementos que para ela são significativos, quebra a barreira do possível e o impossível, do real e da fantasia, do consciente e do inconsciente.

Para a criança a arte pode constituir o equilíbrio entre o intelecto e as emoções, como um ponto de apoio, embora inconsciente, uma forma de expressão quando as palavras tornam-se inadequadas ou insuficientes.

A cada estágio de seu desenvolvimento, a arte infantil é uma obra completa, que traz marcas de individualidade, carregada de tensões e energias que exprimem uma visão autentica do mundo de seu criador.

REDESCOBRIR, VIVER E CRIAR.

A expressão artística como forma de exteriorizar e comunicar, como linguagem, atravessa toda história humana, em todas as culturas.

Muitos pedagogos, psicólogos, arte educadores, buscam conhecer e entender sob diversos olhares o grafismo infantil e sua estética.

Entre os estudiosos do grafismo há um consenso sobre a existência de fases, períodos ou etapas no processo de apropriação do desenho como forma de representação, que são comuns a todos os sujeitos.

Apesar das diferenças culturais, a maneira de desenhar da cada estágio, é bastante similar em todas as crianças.

O desenvolvimento da infância é marcado pelo desenho como possibilidade de brincar, de expressar, assumindo o desenho, em cada estágio, um caráter próprio.

Se estivermos atentos às produções gráfico-plásticas das crianças, podemos acompanhar os ritmos pessoais de cada criança e identificar eventuais fases comuns a cada grupo.

Mas não basta entender os mecanismos psicomotores, cognitivos afetivos e históricos culturais enredados no grafismo infantil.

É necessário, para que ocorra o desenvolvimento da expressão plástica, oferecer à criança um ambiente desafiador e estimulador para que ela busque a valorização de sua expressão e de seu processo de criação.

Para o desenvolvimento do trabalho com as crianças do Educandário, busquei através de diversas atividades de expressão artística, especificamente de artes plásticas, sob uma orientação não impositiva no processo de trabalho, proporcionar oportunidades para que as crianças sintam, vejam, se expressem, criem seu mundo com sonho, fantasia, gosto e prazer, desvendando assim seu processo de criação.

Através da convivência, do conhecimento do outro, neste caso da criança, de sua realidade, de seus interesses e seu jeito de ser, da realização das atividades propostas não somente por mim, mas também pelas crianças, motivadas por seus interesses e anseios, se deu um conhecimento mútuo, e este promoveu a possibilidade de entender como se dá o processo de criação em cada um dos sujeitos participantes da pesquisa, inclusive o meu processo de criação.

Desta forma, saí papel de pesquisadora como mero espectador e passei para o papel de sujeito da pesquisa.

Foi um modo de trabalhar em que todos aprendemos a fazer fazendo.

Para esse aprender fazendo foi necessário que eu também re-descobrisse tais formas de expressão.

Esta vivência de redescoberta começou antes do início da pesquisa de campo, através da disciplina Educação Corpo e Arte, do curso de pedagogia da Unicamp.

Nesta disciplina vivenciamos a expressão pela dança, pelo toque, desenho, sentidos, enfim pelas vias que deixamos de utilizar em nosso dia a dia.

Foi uma volta, um reencontro com esta forma inata de expressão: a arte.

Falando especificamente de desenho, foi muito complicado por se tratar de algo praticamente novo, visto que esta forma de expressão foi deixada para trás há muito tempo, e também uma redescoberta prazerosa do desenhar, do brincar com imagens, do deixar fluir emoções, sentimentos, nem sempre externalizados verbalmente, e nunca expressos através do desenho, pela falta de hábito.

Muitos destes sentimentos e emoções não foram por mim identificados no momento da produção. Só depois, ao rever, descobri em minhas produções o que estava ainda no inconsciente.

Foram experiências muitas vezes dolorosas, mas de grande valor para meu auto-conhecimento.

Foi através da descoberta da necessidade de voltar a desenhar, dançar, movimentar identificar e externalizar sentimentos, sensações e emoções, me descobrir como ser capaz de criar e recriar, viver a arte, que pude começar a entender como ocorre o processo de criação.

Comecei então a brincar com materiais como tintas, massas de modelar, argila, giz de cera, lápis de cor, colagens e sucata.

Nestas vivencias senti a necessidade de entender como tais materiais e técnicas mobilizavam os sentimentos e emoções, de que maneira podem tocar nos conflitos internos e inconscientes do indivíduo.

Também foi necessária fazer uma distinção entre desenho e pintura para esclarecer a especificidade destas duas modalidades de expressão gráfico-plásticas.

Entendo aqui como desenho, a produção na qual fica à mostra o suporte sobre o qual se realizou o trabalho.

Nesta modalidade, as marcas da impressão não ocupam toda a extensão do suporte.

Para este tipo de expressão foram utilizados: giz de cera, giz pastel, lápis de cor diversos, hidrocor, carvão, lápis grafite.

Através do desenho livre, entramos em contato com a realidade interna, deixamos fluir sentimentos, emoções que estejam a ponto de emergir.

O desenho como cópia exige atenção para a realidade exterior e obriga a perceber e reproduzir a realidade. Aí surge a dificuldade e o medo de errar.

Já o desenho direcionado coloca o indivíduo em contato com sua realidade e mobiliza emoções bloqueadas que precisam emergir.

Neste modo de expressão não é necessária a análise do desenho e sim a análise da interpretação do indivíduo com relação à sua criação.

O desenho neste contexto é o espelho do seu mundo interior.

Já a pintura é aqui considerada, a produção gráfico-plástica, que tem por característica ocupar toda a extensão do suporte com o tratamento plástico.

Sob este ponto de vista o desenho colorizado ou colorido não é considerado pintura.

Para estes tipos de expressão as tintas geralmente utilizadas são: guache, aquarela, anilina.

Assim como o desenho, a pintura pode ser livre ou dirigida.

Com a pintura é possível trabalhar a estruturação nos aspectos motor, afetivo e emocional, levando ao equilíbrio.

Ao passo que a pintura flui, fluem também as emoções e sentimentos.

Através desta forma de expressão liberamos emoções, promovemos o auto-conhecimento e incentivamos o ato criativo.

A modelagem é uma expressão gráfico-plástica tridimensional que pode ser feita com massa caseira, argila, massa de modelar. É uma forma de expressão através da qual atuamos nas sensações físicas, no sentimento, libera tensões e emoções primitivas, promovendo a possibilidade de auto-conhecimento e trabalho no sentido de reestruturação e equilíbrio de tais aspectos.

A modelagem tem efeito calmante, assim como estimula a capacidade criadora, promove a auto-estima e a auto-confiança.

A colagem pode ser realizada com materiais diversos: recortes de revistas, jornais, pedaços de papel, grãos, plantas, tecidos, enfim com uma infinidade de materiais.

Esta é uma atividade através da qual, buscamos expressar por meio dos materiais selecionados os sentimentos, emoções e idéias.

Exige planejamento, atenção, organização e desta forma ajuda na estruturação da vida.

O trabalho com sucata estimula o ato criador, as percepções, atenção e transformação.

Através desta atividade é possível transformar, dando nova utilidade ao material.

Promove a mudança através do concreto e a busca de novas possibilidades de transformação e reaproveitamento.

É uma atividade rica e mobiliza o conteúdo interno.

Esta atividade pode ser aliada à pintura, modelagem, desenho e colagem.

A partir destas descobertas planejei o trabalho de campo no Educandário Francisco Cândido Xavier, contemplando as formas de expressão gráfico-plásticas anteriormente citadas, que foram desenvolvidas nos encontros realizados no período de maio a outubro de 2005.

As atividades foram desenvolvidas em oficinas, nas quais as crianças tiveram contato com diversas técnicas de pintura, colagem, sucata, desenho e modelagem e com diversos materiais.

Algumas das atividades foram propostas por mim e outras surgiram da demanda das crianças, que solicitavam algum material ou que pediam para repetir a técnica ou o uso de determinados materiais. A tinta guache com a técnica à dedo foi umas das mais solicitadas pra fazer novamente.

Sempre discutíamos qual atividade seria realizada na próxima oficina e no caso de haver interesse em dois tipos de atividades diferentes e não haver consenso na escolha, ocorriam duas oficinas paralelas. Cada criança escolhia a oficina que queria participar, mas no decorrer do trabalho acabavam pedindo para participar da outra também e todos acabavam participando das duas oficinas em sistema de rodízio.

MOMENTOS MÁGICOS DA CRIAÇÃO: ALGUMAS IMAGENS.

Estas são algumas produções feitas pelas crianças do Educandário, durante as oficinas de artes.

"Toda criança desenha.

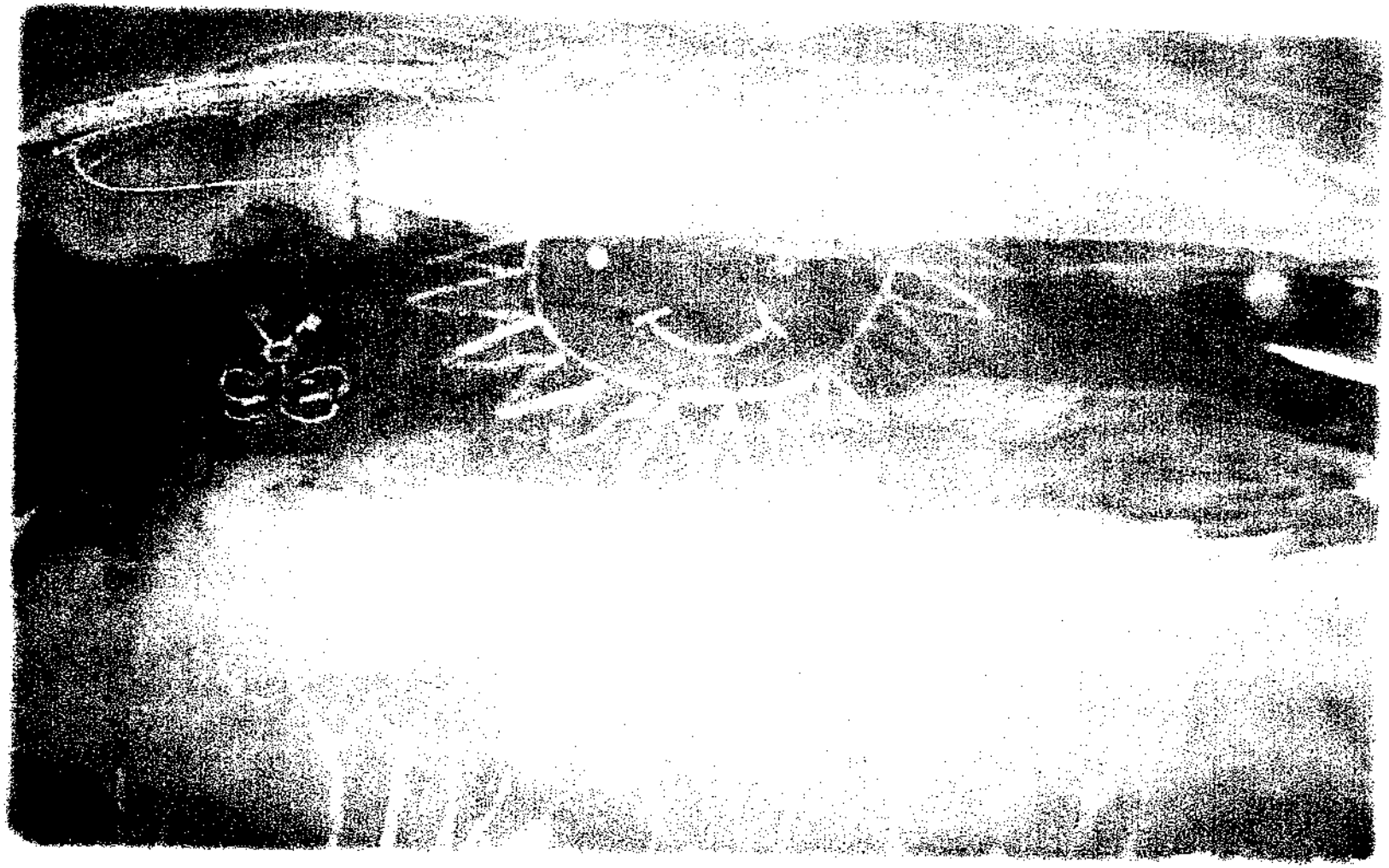
Tendo um instrumento que deixe uma marca: A varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias.

Desenhando cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. Lúdico. A criança desenha para brincar". (Moreira, 1984. p.15)

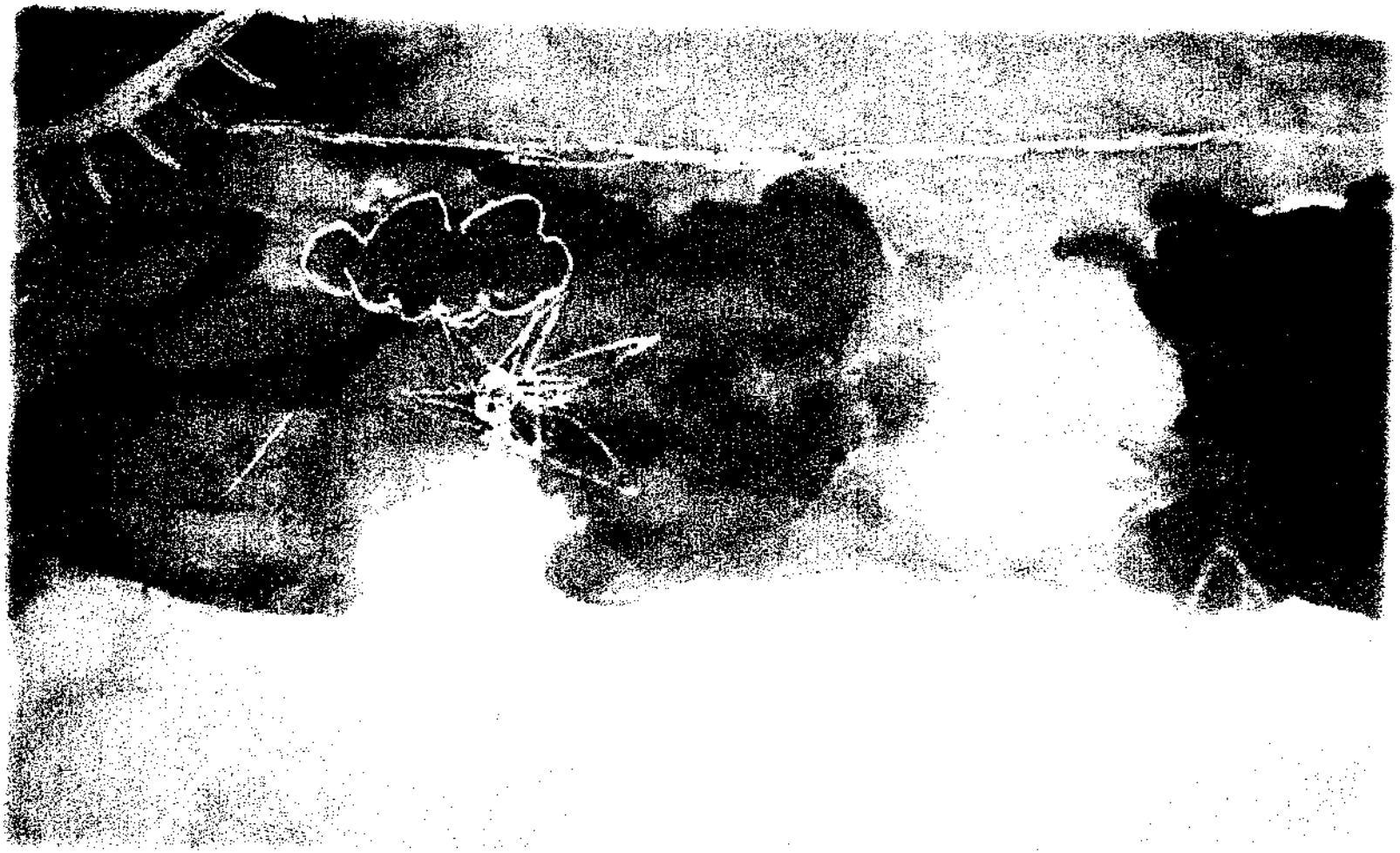
Assim foram nossos momentos de criação...

Desconhecido

23/06/2005

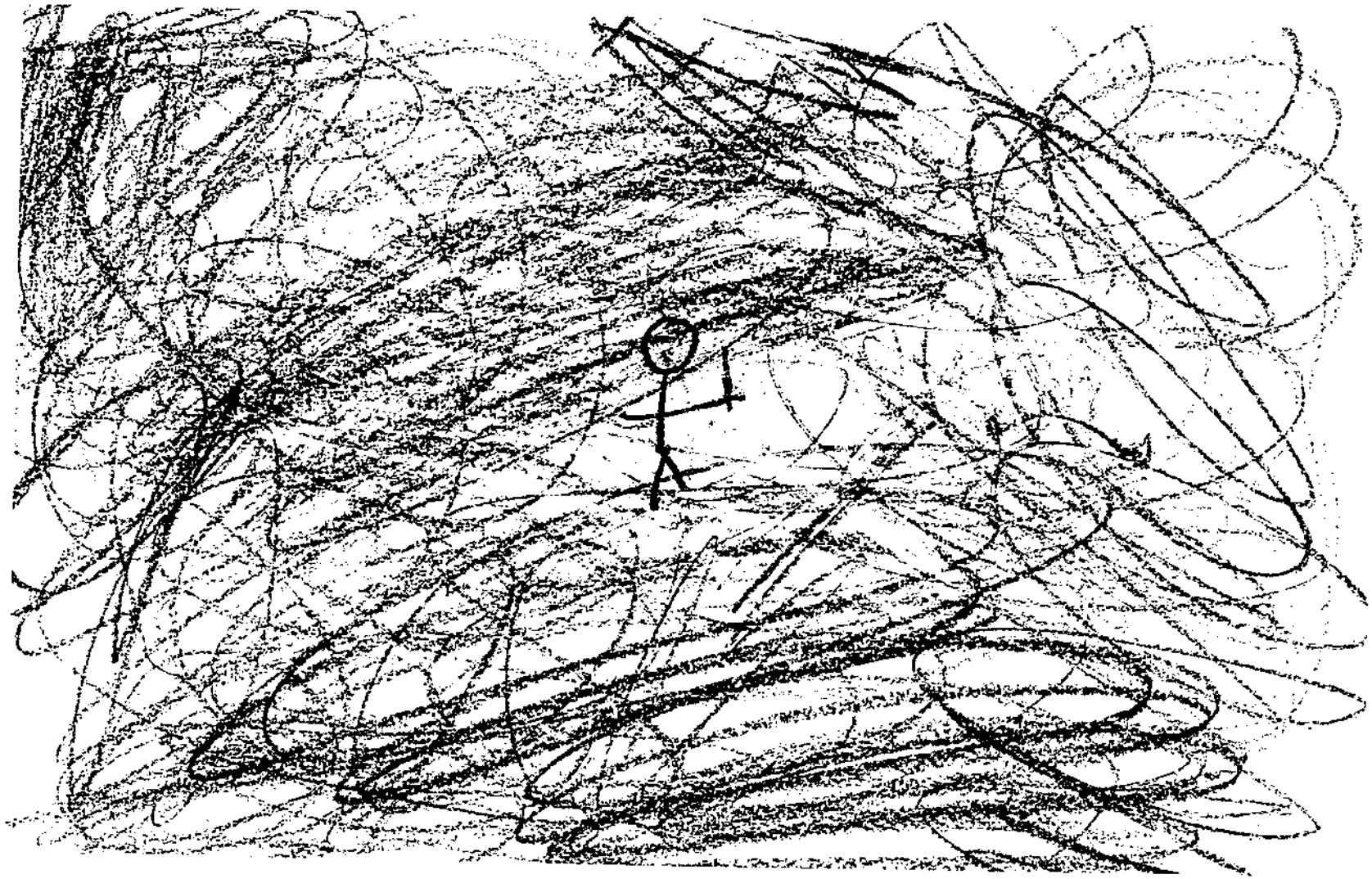


23/06/2005

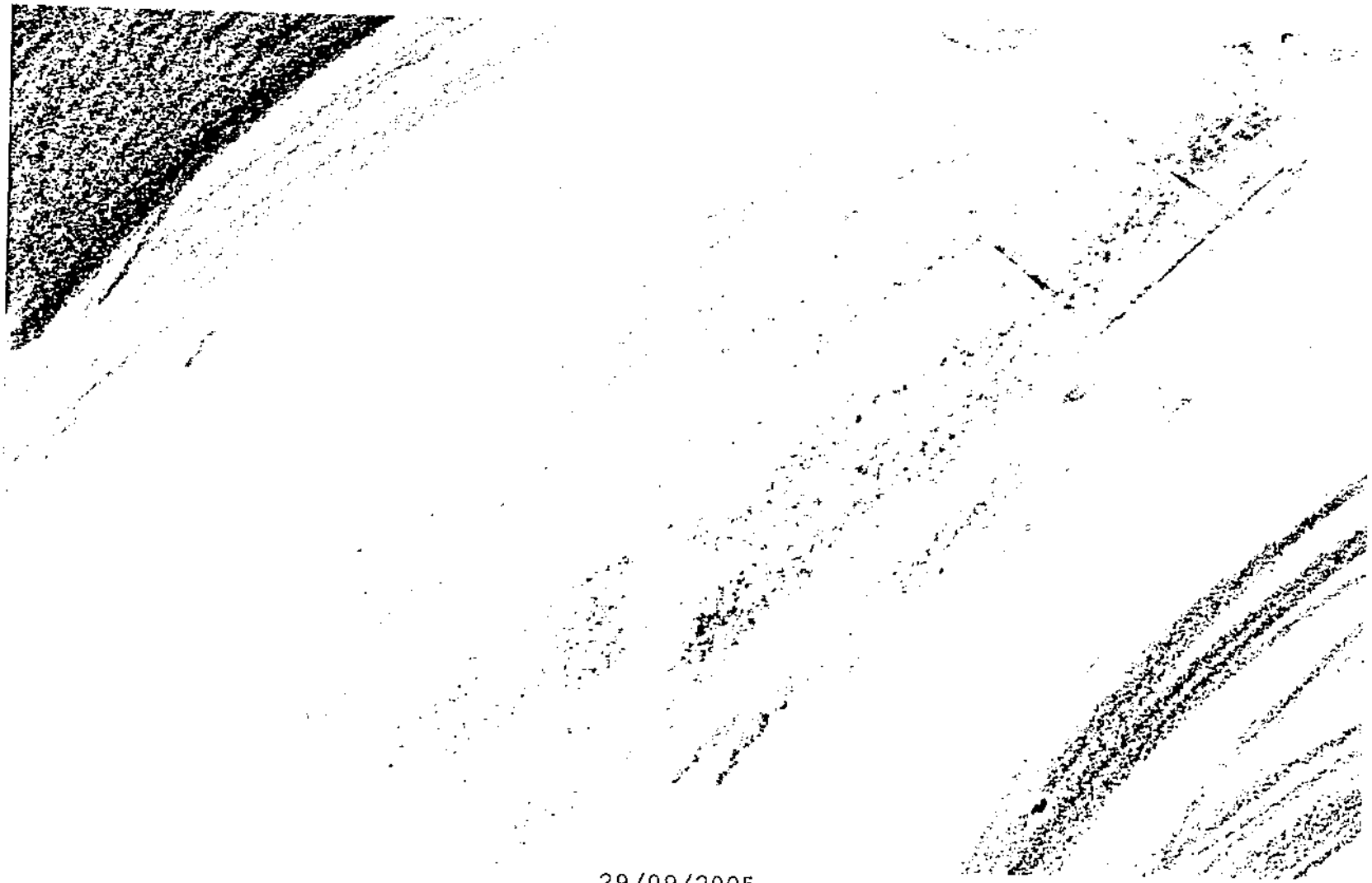


23/06/2005

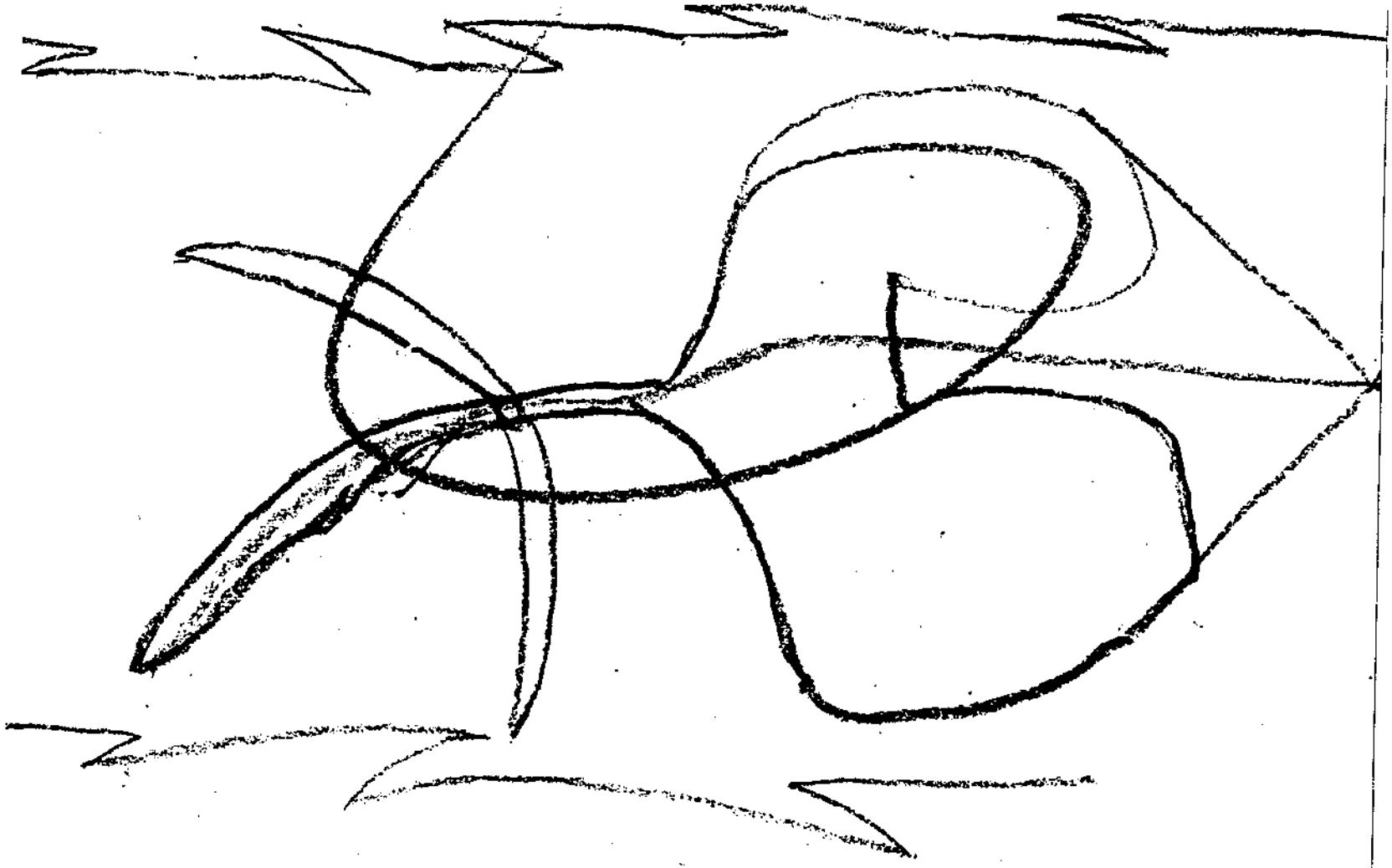
23/06/2005



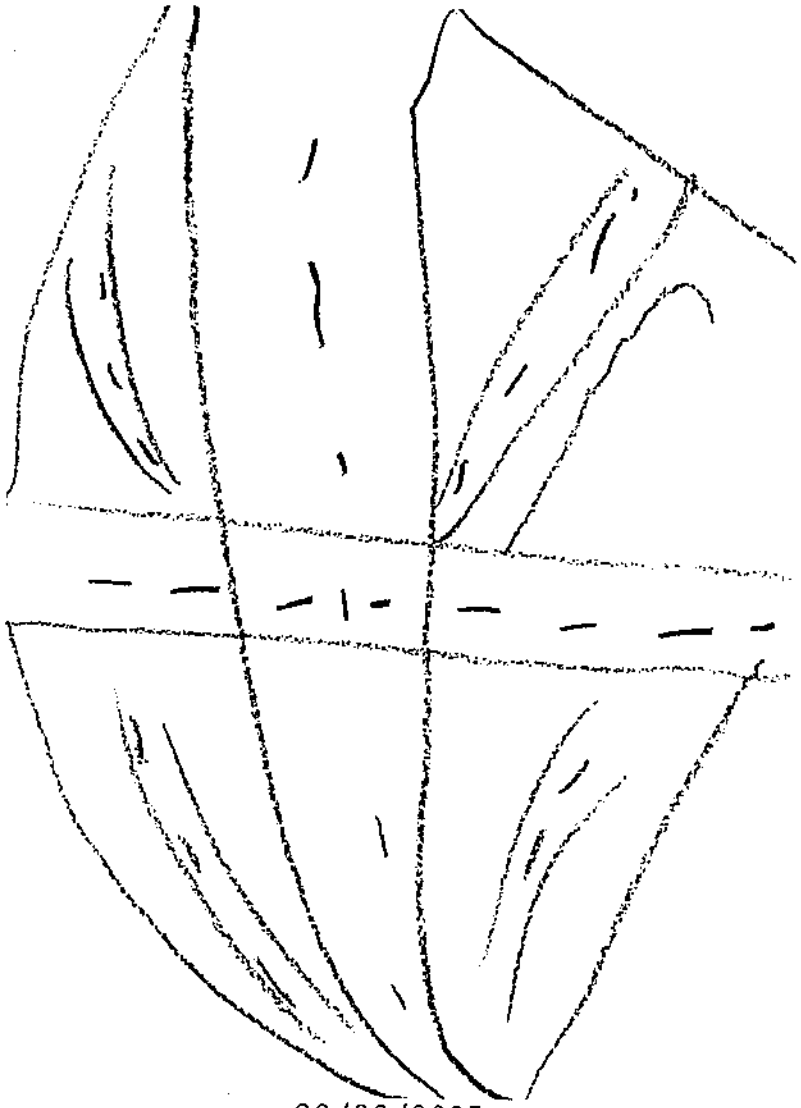
29/09/2005



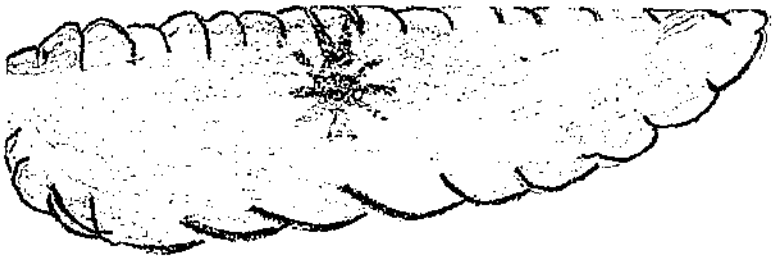
29/09/2005



29/09/2005

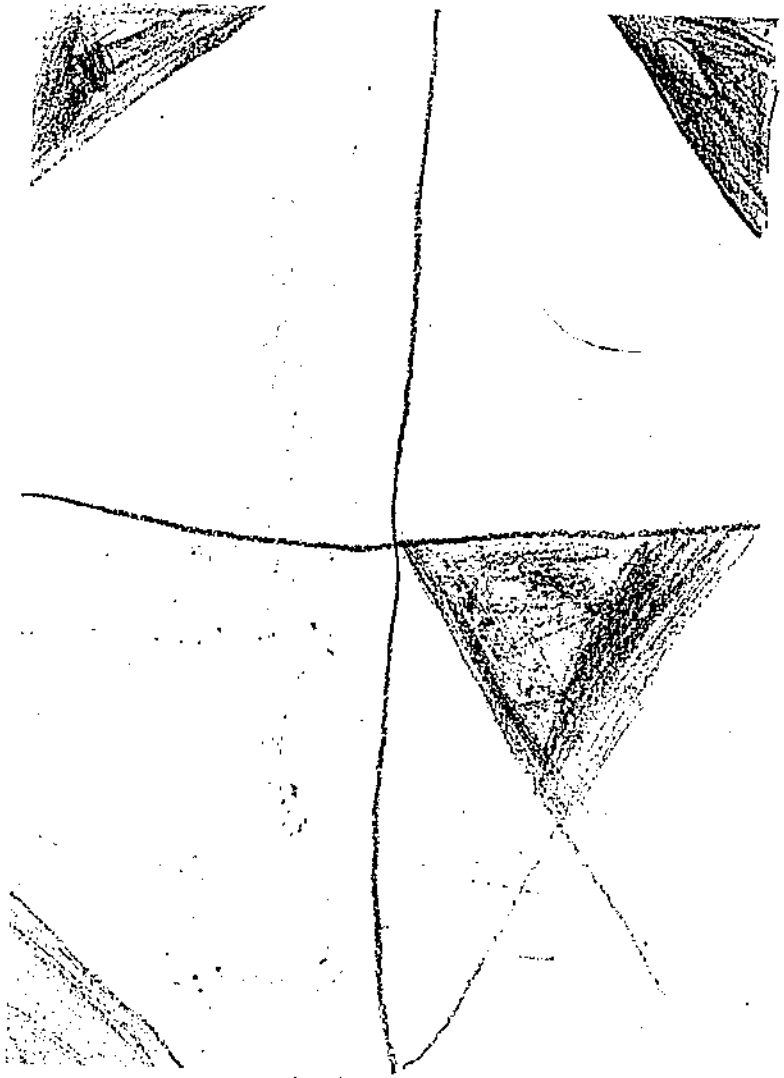


29/09/2005



29/09/2005

29/09/2005



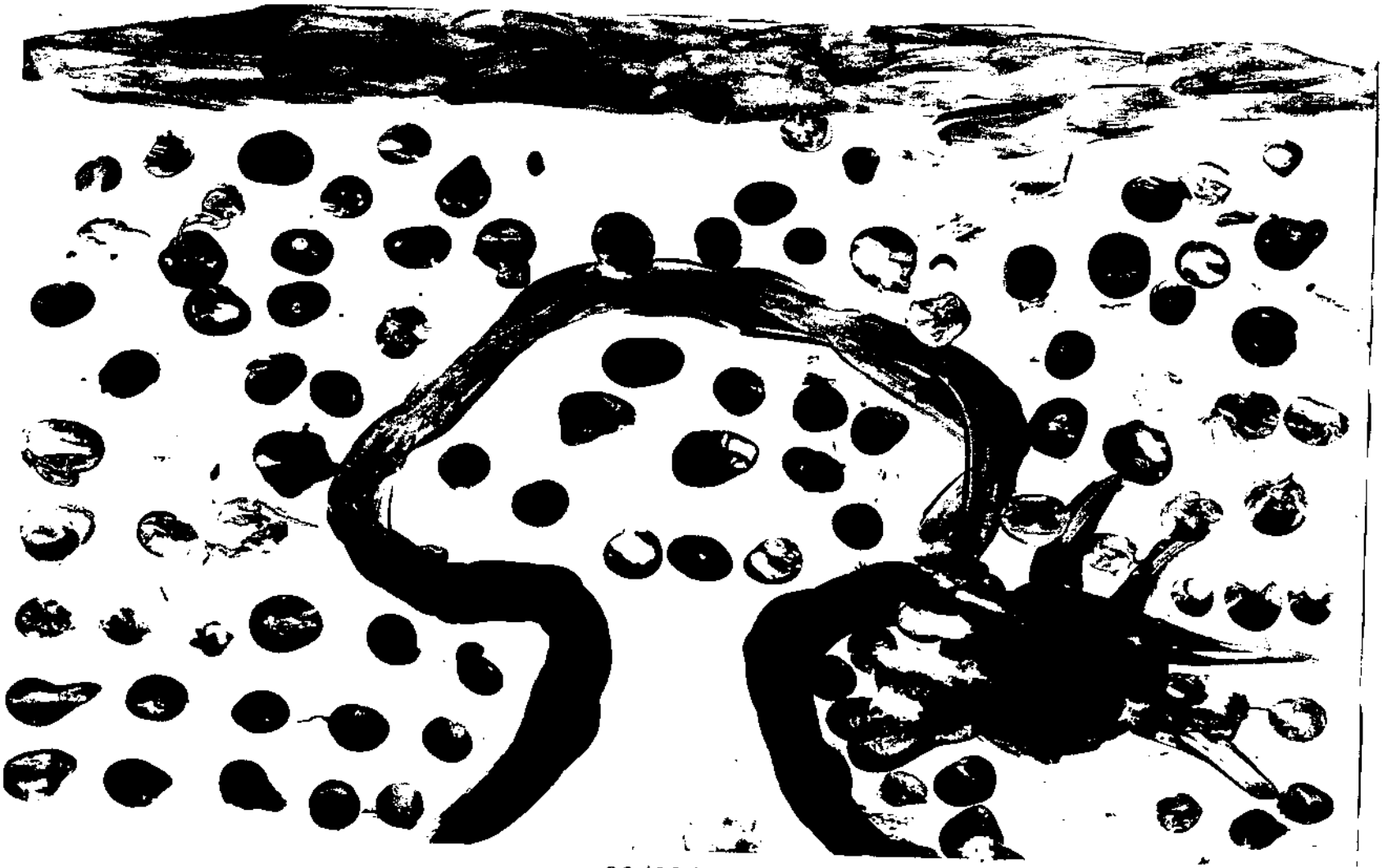
29/09/2005

22/09/2005

22/09/2005

22/09/2005

22/09/2005



22/09/2005

22/09/2005

22/09/2005

22/09/2005

22/09/2005

22/09/2005

22/09/2005

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como se dá o processo de criação possibilita inúmeras aprendizagens sobre a arte, pois este processo já é em si um processo de conhecimento por depender de critérios que também são necessários para a compreensão da arte, como a invenção, a descoberta e contato com os meios de produção e as transformações e elaborações do sujeito no processo criativo.

Este processo engloba também o autoconhecimento, através do fazer e do compreender, do sentir e do simbolizar os sentimentos. A arte é, portanto, a ponte que nos leva à expressão dos sentimentos conscientes e inconscientes e ao possível conhecimento dos mesmos. A arte é vida! A experiência vivida durante este trabalho possibilitou a mim e às crianças que dele participaram, a maravilhosa experiência de Viver, Sentir, Respirar arte!

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, C. R. (org). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CORTEZ, Alejandro Mário Chagua. **Cata sucata de sua casa e cria: Uma experiência de arte/educação na periferia**. UNICAMP/SP. Campinas, 1990 (Dissertação mestrado).

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-ação**. Educar n. 16. Curitiba: Editora da UFPR.2000. p.181-191.

FERREIRA, Suely. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. Campinas: Papirus. 1988.

FUSARI, Maria F. R. e FERRAZ, Maria H. C. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1992.

JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis, Vozes, 1985. p.54 a 72

LOWENFELD, Viktor e BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador.** Loyola, São Paulo, 1984.

NUNAN, D. **Action research in language education.** In: EDGE, J.; RICHARDS, K. (Ed.). *Teachers develop teachers research.* Papers on classroom research and teacher development. Oxford: Heinemann, 1993. p. 41.

PEDROSA, Mário. **Forma e percepção estética: Textos escolhidos II**/ Mário Pedrosa; Otília Arantes (org.) São Paulo, EDUSP, 1996

READ, Herbert - **Uma abordagem estética da educação** IN: Os fatos básicos sobre a arte - Proposições v. 15 n. 2. (44) maio/agosto 2004. p.221 a 226

READ, Herbert - **Educación por el arte**. Buenos Aires. Paidos, 1977. p.31 a 38.

ROSA, Nereide S. Santa - **Comentando sobre a arte na escola** - Parágrafo Aberto. Agosto/2003 Fonte:http://caracol.imaginario.com/paragrafo_aberto/index.html

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **Pedagogia do desenho infantil**. Campinas: Átomo 2001.

VACCARINI, Daniela. **Contando a arte de Vaccarini**. São Paulo. Noovha América, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **El arte e la imaginación en la infancia**. Madrid: Akal, 1982.